

# Mensagem da Jornada Mundial da Paz

No dia 1 de Janeiro celebra-se em toda a Igreja o Dia Mundial da Paz. O lema de este ano é “Na verdade, a paz”.

Recolhemos extractos da mensagem difundida por Bento XVI.

04/01/2006

“A minha primeira Mensagem para o Dia Mundial da Paz segue a linha deste nobre lema: com ele, desejo

**confirmar uma vez mais a firme vontade da Santa Sé de continuar servindo a causa da paz”.**

“O próprio nome de Bento, que adoptei no dia em que fui eleito para a Cátedra de Pedro, quer indicar a minha firme decisão de trabalhar pela paz. Com efeito, quis fazer referência tanto ao Santo Patrono de Europa, inspirador de uma civilização pacificadora de todo o Continente, bem como ao Papa Bento XV, que condenou a primeira Guerra Mundial como uma ‘matança inútil’ e se esforçou para que todos reconhecessem as razões superiores da paz”.

“O tema de reflexão deste ano – ‘Na verdade, a paz’- expressa a convicção de que, onde e **quando o homem se deixa iluminar pelo resplendor da verdade, empreende de modo quase natural o caminho da paz**”.

“A paz não pode reduzir-se a simples ausência de conflitos armados, mas deve entender-se como ‘o fruto de uma ordem atribuída à sociedade humana pelo seu divino Fundador’. (...) enquanto resultado de uma ordem desenhada e querida pelo amor de Deus, a paz tem a sua verdade intrínseca e inapelável, e corresponde ‘a um anseio e a uma esperança que nós temos de maneira inapagável’”.

“Quando falta a adesão à ordem transcendente da realidade, ou também o respeito àquela ‘gramática’ do diálogo que é a lei moral universal, inscrita no coração do homem; quando se obstaculiza e se impede o desenvolvimento integral da pessoa e a tutela dos seus direitos fundamentais; quando muitos povos se vêm obrigados a sofrer injustiças e desigualdades intoleráveis, como se pode esperar a consecução do bem da paz? Com

efeito, faltam os elementos essenciais que constituem a verdade do referido bem”.

“¿Quem e que pode impedir a consecução da paz? A este propósito, a Sagrada Escritura, no seu primeiro Livro, o Génesis, ressalta a mentira pronunciada no princípio da história pela serpente, o demónio. **“A mentira está relacionada com o drama do pecado e suas consequências perversas, que causaram e continuam causando efeitos devastadores na vida dos indivíduos e das nações.** Basta pensar (...) nos sistemas ideológicos e políticos aberrantes que tergiversaram de forma programada a verdade e conduziram à exploração e ao extermínio de um número impressionante de homens e mulheres, e inclusivamente de famílias e comunidades inteiras. Depois de tais experiências, ¿como não preocupar-se seriamente perante

as mentiras do nosso tempo, que são como o telão de fundo de cenários ameaçadores de morte em diversas regiões do mundo? A autêntica procura da paz requer tomar consciência de que o problema da verdade e da mentira respeita a cada homem e a cada mulher, e que é decisivo para um futuro pacífico do nosso planeta”.

**“Há que recuperar a consciência de estarmos unidos por um mesmo destino, transcendente em última instância, para poder valorar melhor as próprias diferenças históricas e culturais, buscando a coordenação, em vez da contraposição, com os membros de outras culturas. Estas simples verdades são as que tornam possível a paz”.**

“A verdade da paz apela a todos para cultivar relações fecundas e sinceras, estimula a buscar e recorrer o

caminho do perdão e da reconciliação, a ser transparentes nas negociações e fiéis à palavra dada”.

“A Comunidade Internacional elaborou um direito internacional humanitário para limitar o mais possível as consequências devastadoras da guerra, sobretudo entre a população civil. A Santa Sé expressou em numerosas ocasiões e de diversas formas o seu apoio a este direito humanitário, animando a respeitá-lo e a aplicá-lo com diligência, convencida de que, até na guerra, existe a verdade da paz”.

**“O direito internacional humanitário deve considerar-se uma das manifestações mais felizes e eficazes das exigências que resultam da verdade da paz.** Precisamente por isso, impõe-se como um dever para todos os povos respeitar este direito. Há de apreciar-

se o seu valor e é preciso garantir a sua correcta aplicação, actualizando-o com normas concretas capazes de fazer frente aos cenários variáveis dos actuais conflitos armados, assim como ao emprego de armamentos novos e cada vez mais sofisticados”.

“Hoje em dia, a verdade da paz continua a estar em perigo e é negada de maneira dramática pelo terrorismo que, com as suas ameaças e acções criminosas, é capaz de lançar o mundo em estado de ansiedade e insegurança”.

“Não só o niilismo, mas também o fanatismo religioso, que hoje se chama frequentemente fundamentalismo, pode inspirar e alimentar propósitos e actos terroristas. Intuindo desde o princípio o perigo destrutivo que representa o fundamentalismo fanático, João Paulo II denunciou-o energicamente, chamando a atenção

sobre os que pretendem impor com a violência a própria convicção acerca da verdade, em vez de propô-la à livre aceitação dos demais”.

**“O niilismo e o fundamentalismo coincidem num perigoso desprezo pelo homem e pela sua vida e, em última instância, pelo próprio Deus.** (...) na análise das causas do fenómeno contemporâneo do terrorismo é desejável que, além das razões de carácter político e social, se tenham em conta também as más fundas motivações culturais, religiosas e ideológicas”.

“Perante os riscos que vive a humanidade na nossa época, é tarefa de todos os católicos intensificar em todas as partes do mundo o anúncio e o testemunho do "Evangelio da paz", proclamando que o reconhecimento da plena verdade de Deus é uma condição prévia e

indispensável para a consolidação da verdade da paz”.

**“A história demonstrou abundantemente que lutar contra Deus para o extirpar do coração dos homens conduz a humanidade, temerosa e empobrecida, a opções que não têm futuro. Isto há de levar os crentes em Cristo a (...) pôr-se ao serviço da paz, colaborando amplamente no âmbito ecuménico, assim como com as outras religiões e com todos os homens de boa vontade”.**

“Ao observar o actual contexto mundial, **podemos constatar com agrado alguns sinais prometedores no caminho da construção da paz.** Penso, por exemplo, na diminuição numérica dos conflitos armados. (...) São sinais consoladores, que necessitam ser confirmados e consolidados mediante uma acção concorde e infatigável, sobretudo por

parte da Comunidade Internacional e dos seus Organismos, responsáveis por prevenir os conflitos e procurar uma solução pacífica para os actuais”.

“Não obstante, todo isto não deve induzir a um optimismo ingénuo. Com efeito, não se pode esquecer que, por desgraça, existem ainda sangrentas contendases fratricidas e guerras desoladoras que semeiam lágrimas e morte em vastas zonas da terra”.

**“As autoridades que, em lugar de fazer o que está em suas mãos para promover eficazmente a paz, fomentam nos cidadãos sentimentos de hostilidade relativamente a outras nações, assumem uma gravíssima responsabilidade”.**

“¿Que dizer, também, dos governos que se apoiam nas armas nucleares para garantir a segurança do seu

país? Junto com inumeráveis pessoas de boa vontade, pode afirmar-se que esta solução, além de funesta, é totalmente falaz. Com efeito, numa guerra nuclear não haveria vencedores, mas apenas vítimas. A verdade da paz exige que todos - tanto os governos que de maneira declarada ou oculta possuem armas nucleares, como os que querem possuí-las - invertam conjuntamente a sua orientação com opções claras e firmes, encaminhando-se para um desarme nuclear progressivo e acordado. Os recursos poupadados deste modo poderiam empregar-se em projectos de desenvolvimento a favor de todos os habitantes e, em primeiro lugar, dos mais pobres".

**“A este propósito, tem de mencionar-se com amargura os dados sobre um aumento preocupante dos gastos militares e do comércio sempre próspero de armas, enquanto ficam como**

estancadas no pântano de uma indiferença quase geral o processo político e jurídico empreendido pela Comunidade Internacional para consolidar o caminho do desarmamento”.

“O anseio que brota desde o mais profundo do coração é que a Comunidade Internacional saiba encontrar a valentia e a sensatez de impulsionar novamente, de forma decidida e conjunta, o desarmamento, aplicando concretamente o direito á paz, que é próprio de cada homem e de cada povo”.

**“Os primeiros beneficiários duma valente opção pelo desarmamento serão os Países pobres** que, depois de tantas promessas, reclamam justamente a realização concreta do direito ao desenvolvimento”.

“A Igreja católica, ao mesmo tempo que confirma a sua **confiança na**

**Organização das Nações Unidas,** deseja a sua renovação institucional e operativa que a torne capaz de responder às novas exigências da época actual, caracterizada pelo fenómeno difuso da globalização. A ONU há de chegar a ser um instrumento cada vez mais eficiente para promover no mundo os valores da justiça, da solidariedade e da paz”.

“É necessário que cada comunidade se entregue a um trabalho intenso e capilar de educação e de testemunho, que ajude cada um a tomar consciência de que urge descobrir cada vez mais profundamente a verdade da paz. Ao mesmo tempo, **peço que se intensifique a oração, porque a paz é acima de tudo um dom de Deus** que se há de suplicar continuamente”.

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
opusdei.org/pt-pt/article/mensagem-da-  
jornada-mundial-da-paz/](https://opusdei.org/pt-pt/article/mensagem-da-jornada-mundial-da-paz/) (29/01/2026)